

A VIOLÊNCIA NA, DA E CONTRA A ESCOLA EM UM COLÉGIO DE FOZ DO IGUAÇU¹

Irani Batista de Araújo²

Resumo: O presente texto aborda uma visão da violência escolar entre adolescentes no colégio do bairro Porto Belo na cidade fronteira de Foz do Iguaçu. O mesmo apresenta as manifestações praticadas pelos interlocutores que frequentam a instituição de ensino. As práticas apresentadas estão relacionadas tanto aos problemas internos (desacato, agressão verbal e física, ameaças), como aos externos (contrabando e tráfico de drogas) do cotidiano escolar. As informações contidas no artigo foram obtidas através: das observações realizadas pela pesquisadora no interior e entorno do colégio, das respostas dos questionários aplicados com adolescentes (entre 14 e 17 anos) professores e funcionários, bem como, das consultas feitas aos livros Ata no ano de 2014. Com o intuito de aprofundar o assunto em pauta, foram feitas entrevistas abertas com os adolescentes e alguns funcionários moradores do bairro.

Palavras-chave: Adolescente; Escola; Violência.

Abstract : This paper is an overview of school violence among adolescents in the school Porto Belo neighborhood in the border city of Foz do Iguaçu. The same features demonstrations practiced by the interlocutors attending the educational institution. The practices presented are related both to internal problems (contempt, verbal and physical aggression, threats) as to external (smuggling and drug trafficking) in the school routine. The information in the article were obtained: the observations made by the researcher in and around the school, the responses from questionnaires applied to adolescents (between 14 and 17 years) faculty

¹Este artigo, com modificações, foi apresentado no CONINTER 4 – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades: fronteira e integração – estudos interdisciplinares na América Latina. Foz do Iguaçu/PR: UNIOESTE, de 08 a 11 de dezembro de 2015, ISSN 2316-266X, n.4.

²Mestra do Programa Stricto Sensu em Nível de Mestrado Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE, Foz do Iguaçu/PR. Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino – UTFPR; e em Pré-Escolar Alfabetização - Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral. Graduada em Pedagogia – UFRN. Contato: irany_52@hotmail.com.

and around the school, the responses from questionnaires applied to adolescents (between 14 and 17 years) faculty and staff, as well as the consultations with the books Ata in the year 2014. in order to deepen the subject at hand, were made open interviews with teens and some neighborhood residents employees.

Keywords: Adolescent; School; Violence.

INTRODUÇÃO

A violência³ sempre existiu, não sendo apenas um problema da modernidade. Contudo, constatam-se mudanças em sua composição e nas suas formas de manifestação. Na sua pesquisa de mestrado sobre a violência no ambiente escolar Priotto (2011, p. 71) descreve várias maneiras de apresentação do fenômeno violência: doméstica, política, religiosa, criminal, simbólica, nas escolas, contra a criança, o jovem, o idoso, a mulher, o afrodescendente⁴, entre outras. Como em diversos lugares do planeta, no Brasil, ela consiste em um dos produtos do sistema político/econômico injusto que contamina as atividades do sujeito social. Na raiz da injustiça, está um sistema socioeconômico baseado na desigualdade e na pobreza crescente para a maioria, enquanto uma minoria se beneficia do poder aquisitivo alto.

As causas da violência urbana⁵ variam conforme o lugar e os meios que favorecem sua perpetuação. É uma situação desconfortável e gera a sensação de insegurança nos grandes centros urbanos, nos quais os problemas sócio/econômicos são em grande escala e de difícil solução em curto prazo. O processo acelerado de urbanização e globalização vivenciado por muitas cidades tem gerado algumas consequências e, por isso, o tema tem feito parte dos discursos políticos, mas não necessariamente em forma de ações voltadas para a prevenção. Muito pelo contrário, o medo coletivo da população tem pressionado os órgãos competentes para que zelem pela segurança dos cidadãos adotando punições mais severas aos agressores.

Em específico à violência no contexto escolar, o trabalho de pesquisa apresentado analisa a violência entre adolescentes no co-

légio do bairro Porto Belo na cidade de Foz do Iguaçu. O interesse pela temática surgiu a partir de situações vivenciadas no interior do ambiente escolar, onde trabalhei pelo período de dois anos. Muitas eram as notícias divulgadas pela imprensa envolvendo adolescentes desta região, além das situações de agressões físicas e verbais presenciadas no interior da instituição entre alunos e dos mesmos para com os professores e funcionários. Para tanto, foram realizadas observações no interior e entorno do colégio, entrevistas abertas e aplicação de um modelo de questionário para os adolescentes (56 alunos de duas turmas: 9º ano A e 1ª série A) e outro modelo para os professores e funcionários (15 profissionais convidados) abordando o assunto em pauta. Posteriormente, foram sorteados, pela lista de frequência, oito alunos (4 de cada turma) para uma entrevista aberta a fim de sanar as dúvidas surgidas nas respostas descritas pelos mesmos. A etapa final, da pesquisa de campo, foi de consulta aos livros Atas da instituição para verificação das práticas que descrevem a violência na, da e contra a escola presentes no ambiente estudado.

Nesse sentido, a intenção foi conseguir desenvolver um trabalho descritivo dos dados obtidos na pesquisa de campo com aprofundamento de informações. Cada participante recebeu uma via do TCLE⁶, assinada pela pesquisadora, ao término da entrevista aberta, realizada com os adolescentes e os funcionários moradores do bairro e após o preenchimento dos questionários. Os professores e funcionários foram convidados pessoalmente pela pesquisadora e selecionados da seguinte maneira: professores residentes no bairro, funcionários moradores, professores não residentes e funcionários que possuem filhos estudando no colégio. O número de participantes adotado e a diversidade da

³ Dois elementos são apontados para a compreensão da violência, ela não é auto explicável e pluricausal. Segundo Sales, Matos e Leal (2010), ela é estabelecida por determinações variadas e imbricadas, isto é, não há uma única causa para explicá-la. O Brasil possui elementos inéditos nos quais é possível verificar processos de intensificação de isolamento e solidão que atinge tanto a vida pública quanto a vida privada e excluindo os que vivem na condição de supérfluo, descartável.

⁴ Um dado a ser considerado é o de que, no conjunto das populações dos 267 municípios pesquisados, o risco do negro ser assassinado é 2,6 vezes maior em comparação com os brancos segundo dados da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (2009). Contudo, não é o caso da região estudada, pois, conforme a declaração dos entrevistados adolescentes, a maioria é de cor branca: 43%.

⁵ A violência urbana é descrita pelo médico/pediatra Antonio Marcio Junqueira Lisboa "como um fenômeno gerado nos processos sociais que leva as pessoas, os grupos, as instituições e as sociedades a se agredirem mutuamente, a tomarem à força a vida, o psiquismo, os bens ou o patrimônio alheio, a violência é um dos problemas que mais aflige a humanidade. É um fenômeno universal" (LISBOA, 2006, p. 15).

seleção foram com o intuito de encontrar o ponto de saturação das informações sobre a temática em pauta com o objetivo de obter uma quantidade suficiente de entrevistados para desenvolver um trabalho descritivo com qualidade de informações e aprofundamento teórico.

Considerando o exposto, é pertinente lembrar que a adoção de uma abordagem qualitativa viabiliza a compreensão do objeto, e, eventualmente, instrumentaliza uma posterior exposição de diversas alternativas. Contudo, é importante ressaltar o que as pesquisadoras Denzin e Lincoln (2006) pontuam sobre os Códigos de Ética nas pesquisas, no que se refere à importância do consentimento em relação à autonomia individual, pois a ciência social que segue a tradição de Mill e Weber insiste que os sujeitos participantes de pesquisas têm o direito de ser informados sobre a natureza dos experimentos dos quais participarão, como também, “devem concordar voluntariamente em participarem – ou seja, sem coerção física ou psicológica. Além disso, sua concordância deve basear-se em informações completas e transparentes” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 146).

Fazendo referência à metodologia adotada é possível dizer que é um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e instrumentos para melhor entendimento do objeto em estudo no seu contexto real. Como pode ser observado, buscou-se verificar por meio de pesquisa⁷ mista, analisar o fenômeno violência na região, no interior e entorno colégio estadual do Porto Belo, na qual foi possível descrever as práticas que constataam a violência na, da e contra a escola no ambiente pesquisado.

O CENÁRIO DA VIOLÊNCIA E SEUS ATORES

Embora exista um conjunto de variáveis sobre a palavra região, é necessário descrever que a cidade de Foz do Iguaçu está dividida em doze regiões, ou seja, a cidade está dividida em doze mundos sociais. Cada região recebe o nome de um bairro que, geralmente, é o mais antigo. A região na qual está inserido o Porto Belo, é denominada de ‘Região da Vila C’. É limitada ao norte pela Hidrelétrica de Itaipu (Lago), a oeste pelo rio Paraná, a leste pela Subestação de Furnas e ao sul pelo rio Mathias Almada.

⁶ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: “É de extrema importância para salvaguardar e proteger as identidades das pessoas, dos locais de pesquisa, bem como, a confidencialidade dos dados obtidos” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 146).

O bairro está entre os mais antigos do município. Ouvindo alguns moradores residentes há mais de 20 anos, as reivindicações de melhorias são inúmeras: asfalto, praças com melhor estrutura (iluminação, árvores, bancos...); mais apoio à terceira idade; academia comunitária ao ar livre; cursos do Provopar – Programa do Voluntariado Paranaense – (manicure, cabeleireiro, chefe de cozinha, artesanato, entre outros) mais próximo da região; mais policiamento no bairro; projetos direcionados à juventude (para que os jovens não fiquem ociosos nas ruas); melhorias no posto de saúde, entre outras.

O colégio estadual do Porto Belo é responsável pelo segundo ciclo - 6º ao 9º ano do ensino fundamental; pela 1ª à 3ª série do ensino médio; e, pela educação de jovens e adultos (EJA). Na medida do possível garante o número de vagas suficiente para atender o processo de escolarização dos moradores no entorno da região. A instituição foi inaugurada, oficialmente, no dia 10 de junho de 1995, durante o governo de Jaime Lerner. Em síntese, é mantido pelo poder público estadual, administrado pela Secretaria de Estado da Educação (SEED), nos termos da legislação em vigor e pela Deliberação nº 16/99 – Conselho Estadual da Educação⁸.

Para melhor descrever as características dos sujeitos sociais estudados, foi necessário realizar algumas observações no interior e no entorno do colégio. Neste exercício, observa-se que parte significativa dos adolescentes se inspira em algum (a) amigo (a) com quem mais se identifica, pois existem grupos para cada atividade que realizam. No horário do intervalo (recreio), jogam basquete, tênis de mesa, outros jogam truco, alguns casais (namorados) ficam abraçados, mas sem beijos, pois não é permitido no espaço interno – se forem vistos, assinam registro na ata e os responsáveis são comunicados. Normalmente, toca o sinal para o retorno às salas e eles fingem não ouvir. Com frequência, uma das pedagogas precisa ir à quadra de esportes conduzir os demais para as salas de aula. Conversam em pequenos grupos do mesmo gênero, são alegres, ouvem música no celular e acessam a internet (redes sociais), entre outras ações.

As informações contidas na literatura (LEVISKY, 2000; GOMIDE, 2012; LISBÔA, 2006; SALES, 2013; PRIOTTO, 2011) referentes à

⁷Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE – Cascavel/PR - sob o Parecer nº 487.553, em 17 de dezembro de 2013.

⁸Dados obtidos no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição.

adolescência pontuam que os indivíduos, nessa fase, se apropriam de trajes, acessórios e/ou linguagem como meio de afrontar/choçar a família (mais tradicional), que discorda do comportamento que adotam. Na verdade, no entendimento dos adolescentes, a família, a igreja e a escola são instituições repressoras, pois estão sempre determinando regras/convenções a serem adotadas. Neste sentido, a mídia brasileira influencia o comportamento desde a infância, pois repassa a imagem de que o famoso ou bem sucedido é feliz e, para ser feliz, é preciso ter fama, sucesso e dinheiro.

Conforme a Psiquiatra da Infância e da Adolescência, Amélia Thereza de Moura Vasconcelos (2000) o copiar o outro sugere um enfraquecimento da personalidade e que, talvez por esta razão, “estamos diante de uma crise de valores onde perdemos a noção do limite entre o bom e o mau. São esses conceitos aprendidos que regem nosso comportamento a nível social” (p. 138). Para a autora, o processo educacional tem participação importante no sentido de repassar os valores da cultura na qual cada um vive e faz uma análise crítica dos programas televisivos que incentivam o consumismo contribuindo para que os adolescentes absorvam valores de posse, ou seja, valorizem o que cada um possui e não o que tem a oferecer.

Considerando os elementos expostos, Levisky (2000) enfatiza que os adolescentes, com suas características biopsicossociais, tendem, de maneira espontânea e natural, descarregar seus impulsos agressivos através de expressões impulsivas sem pensar nas consequências e que, em muitas situações, pensam depois do ato concretizado⁹, ou seja, “são vias de expressão rápidas e buscam satisfação imediata dos desejos sem passar pelos critérios de avaliação, simbolização e linguagem” (p. 21). Para o mesmo autor, é na fase da adolescência que o indivíduo tem uma dificuldade enorme de conviver com regras e talvez a maneira “democrática” como a sociedade se organiza com certas normas, em condições de igualdade para todos – isso vale para o essencial, mas existem as diferenças que precisam ser respeitadas, haja vista que as representações são sempre complexas.

No ambiente pesquisado, observou-se o não cumprimento de regra em relação ao horário de entrada do turno da manhã – 7h 30min – para a primeira aula, em média, os alunos atrasam de 15 a 20 minutos; resistência ao uso do uniforme escolar; ausentar-se da instituição sem autorização (direção e/ou supervisão); desrespeito às normas descritas no regimento escolar como: limpeza e conservação do espaço interno, pátio e salas de aulas, respeitar

todos do ambiente, entre outros. Entretanto, sabe-se que se faz necessário um trabalho de orientação que deve ser realizado por todos da comunidade escolar no decorrer do ano letivo para que o processo educacional transcorra de maneira satisfatória.

Algumas informações descritas pelos adolescentes, na pesquisa de campo, foram essenciais para demonstrar que o envolvimento do gênero feminino (25%) em brigas, é maior em relação aos do gênero masculino (21%). Parece que, no momento, a configuração é oposta a de décadas anteriores, nas quais os homens brigavam mais e as mulheres eram mais pacíficas. Porém, a situação sugere uma busca de equidade até mesmo no quesito violência. Por outro lado, dos 56 declarantes (masculino/feminino), que responderam as questões, apenas 15% assumiu ter brigado no espaço interno do colégio e, nem sempre, sabem explicar a razão. Apenas relatam que não perdem tempo conversando e que, às vezes, é apenas para assustar ou provocar medo. Para os professores e funcionários esses comportamentos agressivos são decorrentes da ausência dos pais na vida dos filhos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma das obras mais utilizada para a fundamentação da temática da violência no ambiente escolar foi da professora e pesquisadora Elis Maria Teixeira Palma Priotto (2011) que sugere a união entre a segurança, a saúde e a educação para a criação de programas de atendimento aos alunos, cada um nas suas especificidades, considerando a diversidade local e incluindo os responsáveis e a comunidade escolar no sentido de amenizar os conflitos entre os adolescentes no ambiente escolar como: melhorias na estrutura física e na segurança de todos que frequentam o lugar; elaboração e implantação de projetos direcionados para a valorização individual e coletiva dos membros da escola; cursos, no contraturno (teatro, dança, música, informática, pintura, etc.); ações educativo/culturais (competições esportivas, eventos festivos, feiras culturais, etc.) que colaborem com a aproximação de familiares e comunidade, entre outros.

Contudo, sabe-se que a escola sozinha não será autossuficiente para efetuar as mudanças necessárias. É preciso o empenho e compromisso de todos com o processo educacional para que o

⁹ Um dos adolescentes entrevistados relatou: “nós brigamos, às vezes, por qualquer razão, porque outro encostou ou provocou. Assim vai tirando nossa paciência. Nem sempre queremos conversar. Já é um motivo para brigar. Por isso, tem muita confusão na saída da aula”.

espaço passe a ser um lugar com melhores condições psicossociais para aprendizagem e desenvolvimento saudável dos alunos e de todos que dele fazem parte. Neste sentido, as reflexões elaboradas por Priotto (2011) sobre a violência escolar¹⁰, consistem em diversas manifestações entre os membros que compõem o contexto. A autora salienta que há um desnorreamento no que se refere aos termos violência e indisciplina, pois, em algumas situações, são usados como sinônimos no ambiente escolar e que a indisciplina no interior da escola, na maioria das vezes, é oriunda de fatores externos e considera um dos maiores desafios e ser enfrentado pela escola na atualidade. A mesma reforça que tanto a indisciplina quanto a violência merecem atenção de todos os envolvidos no processo educativo. Porém, a violência um pouco mais, por trazer consequências (física e emocional) ao desenvolvimento do sujeito. Pontua também, sobre os tipos de violência presentes no contexto escolar, como:

a violência contra a escola é representada como atos de vandalismo, incêndios e destruição, roubo e furtos do patrimônio como paredes, cadeiras, carteiras, portas, cabos de fiação, cabos de telefone, materiais e equipamentos das instituições escolares; em relação à violência da escola, mostra-se todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam os seus membros como: os fracassos escolares, falta de interesse em permanecer na escola, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos (racismo). A indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar - abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade por parte dos professores, diretores e supervisores (...); a violência na escola, em alguns casos, deve ser analisada como a violência da escola: o aluno agredir o professor ou usar forças ou não contra o professor, o diretor ou funcionário. Caracteriza-se numa violência gerada através da maneira como a instituição e seus agentes tratam em virtude de regras e normas estabelecidas (PRIOTTO, 2011, p. 96-97).

Em linhas gerais é nesse contexto conflituoso que se encontra o adolescente saindo do luto (sentimento de perda) da infância, vivendo uma fase especial e específica de mudanças comportamentais e psíquicas, de novas descobertas, de muitas

¹⁰No que se refere à violência escolar, Priotto (2011, p. 112) a define como “todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio público, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar”.

A VIOLÊNCIA NA, DA E CONTRA A ESCOLA EM UM COLÉGIO DE FOZ DO IGUAÇU

dúvidas e almejando uma liberdade que não conhece. De acordo com Levisky (2000, p. 50) é uma época de grandes e muitas (re) estruturas do psiquismo do indivíduo. O autor reforça a importância de “orientar”, “educar” e “proteger” os adolescentes. Em relação ao enfrentamento da violência, acrescenta que a sociedade atual está num estado de violência e de destruição, onde os cidadãos não têm garantias suficientes de sobrevivência.

No que se refere à indisciplina, Priotto (2011) sugere alguns autores¹¹ da temática, abordados na sua pesquisa e reforça que pode ser caracterizada como sendo a quebra de regras ou, até mesmo, a ausência delas. Para a autora:

a indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar – abuso de poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autor por parte dos professores, diretores e supervisão, como avaliação, atribuição de notas, entrega de boletins, marginalização, desvalorização da profissão de professor, sua insatisfação, indiferença, absentismo dos alunos, despreparo do profissional (reflexo do medo), falta de estímulos e interação entre educação continuada, discriminações diárias onde se destacam como situação que não envolva força, mas se caracteriza por ações de força (PRIOTTO, 2011, p. 97).

Na verdade, o assunto violência no ambiente escolar deve ser abordado em várias disciplinas (português, história, sociologia, filosofia e ensino religioso¹², entre outras), partindo da ideia de que é necessário um processo coletivo de todos os envolvidos na educação. Dessa forma, todos se sentirão responsáveis por criarem um ambiente saudável e seguro para o desenvolvimento da aprendizagem e ainda que:

a violência está no cotidiano da escola e, nesta concepção, para trabalhar com o problema diário, tem que ter práticas pedagógicas, educativa como aprendizagem e reflexão por parte dos alunos, professores, direção, familiares e demais membros da comunidade escolar, todos com um mesmo objetivo de construir uma visão crítica sobre o assunto, para então propor alternativas concretas para superá-las (PRIOTTO, 2011, p. 152).

Em relação à violência contra a escola, há o outro lado dessa violência que é o desvio de verbas públicas, abandono

¹¹ CAMACHO, L. M. Y. As Sutilezas das Fases da Violência nas Práticas de Adolescentes. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27. N 1, p. 123-140, jan/jun. 2001; CALDEIRA, S. N. Contribuições da Psicologia para o Estudo da Indisciplina na Sala de Aula. Estudos da Psicologia, Campinas, v. 18, n 1, p. 76-96, jan/abril, 2001; MARTINS, E. F. Violência na Escola: concepção e atuação de professores. Dissertação de Mestrado. PUC: São Paulo, 2005.

dos prédios públicos, a péssima remuneração dos profissionais da educação, entre outros. Prédios pobres, sujos, degradados, onde ninguém quer estar – nem aluno, nem professor – por isso, o aluno que não tem estímulo se evade, seja desistindo, seja pulando o muro e indo embora mais cedo. Uma das precauções adotada pelo colégio foi aumentar o muro (mais 1 metro) após um ex-aluno pular e adentrar para matar outro que estava em sala de aula. Como também o atentado, em junho de 2012, contra a instituição como represália pela apreensão de uma motocicleta, pela Patrulha Comunitária Escolar, no portão de entrada porque perturbava o andamento das atividades escolares.

Entretanto, considerando toda a estrutura física do colégio, de maneira geral, na coletânea elaborada pelas autoras Westphal e Bydlowski (2010, p. 226), consta que a sensação é de desânimo e de que o esforço não vale a pena. A definição é de que a escola, atualmente, representa um lugar de reprodução de miséria. Contudo, a escola pode reverter a situação aproximando, criando saber, conhecimento, e abrindo a instituição para a comunidade, assim criará aproximação estabelecendo relações mais próximas, e quem sabe assim, a destruição do patrimônio público diminuiria.

É preciso destacar que todo início de ano letivo são realizados reparos emergenciais no colégio e pouco tempo depois (um bimestre), já se percebe carteiras e paredes riscadas, portas e fechaduras arrancadas, ventiladores e vidros quebrados, entre outros danos. Nesse mesmo período é realizada uma conscientização, com todos os alunos, sobre a conservação da instituição, contudo, o difícil é fazê-los cumprir. Porém, sabe-se que é um processo longo e que requer um trabalho contínuo. A alternativa encontrada pelos administradores da instituição, para não arcar com as despesas extras, foi regimentar e quem danificar, o (a) responsável será chamado (a) e pagará pelo dano. Ressaltando que esta não é a realidade específica do ambiente pesquisado, mas da maioria das instituições públicas de ensino no país.

Um aspecto preocupante pontuado por Priotto (2011) no quesito da violência na escola é o bullying¹³ que se sobressai em relação à agressão física. No contexto pesquisado, existem situações de transferência do aluno para outra escola por medo e/ou

¹²Consta na matriz curricular do colégio o oferecimento de Ensino Religioso para os 6º e 7º anos do ensino fundamental, seguindo as orientações das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná.

porque recebeu ameaça e recusa-se a ir à escola. O que, a título de hipótese, quando não ocorre a transferência, há o abandono dos estudos. Conforme a mesma autora, “atitudes como ofender, ignorar, excluir, ferir e humilhar, sempre foram encontradas nas escolas públicas ou particulares” (p. 93). Ainda segundo a autora, o bullying é mais sério porque colabora para que a “vítima” isole-se, sinta-se insegura, e até mesmo, discriminada, o que, em alguns casos, também contribui para a evasão escolar¹⁴. Neste aspecto, existe muita reclamação por parte dos professores sobre a falta de respeito, dos alunos, para com eles.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Os adolescentes ouvidos nem sempre sabem definir por que se envolvem em conflitos, quebram regras, descumprem determinações, assim por diante. Alguns relatam que, muitas vezes, agem por impulso, ou seja, cometem atos impensados. No ambiente pesquisado, existem registros nos livros Atas que, de certa maneira, são mais utilizados como punição do que como orientação. Contudo, merecem ser discutidos no sentido de demonstrar a amplitude e a complexidade dos episódios ocorridos na instituição escolar. Foram consultados três diferentes tipos de livros de registros (cada um específico para a situação): 1) Para os registros mais graves quando a Patrulha Comunitária Escolar é acionada pela equipe pedagógica e/ou pela direção; 2) Para situações diversas que acontecem em cada turno entre alunos e/ou entre alunos e professores; 3) Específico por turma, no qual constam anotações individuais de cada aluno (atrasos, rendimento escolar, agressões, indisciplina, entre outros). Em ambos, constatou-se a violência na,

¹³O bullying é considerado um ato de violência em decorrência dos comportamentos apresentados. É um termo criado na década de 80 na Noruega. Originado da palavra inglesa bully que “na forma de verbo indica a ação de ameaçar, intimidar” PRIOTTO (2011, p. 93). Sugestão de leitura sobre o assunto: AMORIM, C.; ROMANELLI, B. A auto-estima e o bullying: uma possibilidade de atuação do psicólogo escolar/educacional. Psicologia: Curitiba, v. 4, n. 10, p.63-69, Jan/Abri. 2005.

¹⁴Os dados obtidos são de 2012 onde a taxa de evasão foi 24,3% no Brasil. O relatório do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento – entre os jovens mais pobres, menos de um terço conclui o ensino médio no Brasil (<https://www.brasil.gov.br>). No Paraná, em específico, na região Oeste a evasão atinge um em cada 17 alunos do ensino médio. Conforme dados do IBGE (Censo 2010), em Foz do Iguaçu o índice foi de 5,63% (<http://www.oparana.com.br>). A evasão do ensino médio (noturno) no colégio pesquisado, em 2013, foi de 30,58%. Muito acima dos demais índices apresentados.

da e contra a escola.

No quadro abaixo são apresentados os registros mais frequentes encontrados nos documentos analisados¹⁵ (dos três turnos) na instituição escolar no ano de 2013 e do primeiro semestre de 2014¹⁶.

Descrição dos atos:	Quantidade:
Desacato ou agressão verbal do aluno para com o professor.	31
Agressões físicas e verbais entre alunos.	29
Danos ao patrimônio público causado por alunos.	15
Desacato e ameaça à pedagoga ou direção.	09

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das informações obtidas nos livros Ata do colégio.

Percebe-se, no quadro, que as agressões envolvendo os alunos predominam e os motivos apontados pelos entrevistados adultos para esse comportamento são as mais diversas da violência na escola. Os professores e funcionários entrevistados afirmaram ter presenciado algum tipo de agressão (física e/ou verbal) entre alunos e/ou entre aluno/professor no ambiente interno do colégio. As razões atribuídas pelos referidos interlocutores são de que a ausência de acompanhamento da família e a desestrutura da mesma facilita esse tipo de atitude, e que, às vezes, existe violência dentro de casa¹⁷. Assim, o aluno pensa que pode agir na mesma maneira no ambiente escolar. Conduta que desencadeia a falta de limites e de respeito para com os demais; houve quem relatou que o estresse do professor gera um descontrole de ambas as partes; um mencionou que as ameaças recebidas pelo professor são preocupantes e frequentes; como também, o fato de o aluno estar sob efeito de entorpecente na escola; e, por fim, a rivalidade entre alunos por futilidades ocorridas na vida cotidiana deles, ou seja, fora da instituição.

No contexto escolar pesquisado, existem câmeras na parte administrativa, no refeitório e nos corredores das salas. Um dos

¹⁵Os livros de registros individuais dos alunos do 6º ao 9º (de 2013) do turno da tarde não foram encontrados para análise, portanto, não constam os dados na tabela. O que a título de hipótese, existem mais ocorrências, pois segundo informações da equipe da secretaria do colégio são as turmas mais agitadas devido ao significativo número de alunos repetentes e com distorção idade/série.

¹⁶Período de fevereiro a junho de 2014.

¹⁷Um dos interlocutores (adolescente) relatou que a violência está também dentro de casa, na família e não somente na rua.

A VIOLÊNCIA NA, DA E CONTRA A ESCOLA EM UM COLÉGIO DE FOZ DO IGUAÇU

problemas enfrentados pela direção do colégio é o desafio de conseguir manter a estrutura física em condições adequadas de uso, pois o vandalismo contra o patrimônio público é considerado alto. Neste sentido, os registros mais sérios são de bomba caseira, destruição de carteiras e de extintores. Por outro lado, as ameaças registradas de alunos para com os professores e direção podem ser consideradas graves. Nos livros Atas encontrou-se o seguinte conteúdo: "aqui dentro você manda, lá fora somos nós; a partir de amanhã sua vida será um inferno"; "cuidado por onde anda", assim por diante. Essa ameaça corresponde ao registro de alunos que fotografaram o carro dos professores/direção no pátio e xingamentos (palavrões) à pedagoga.

De maneira geral, as situações mais difíceis enfrentadas na instituição, caracterizadas como violência na escola, acontecem no turno da noite, pois são alunos com idade mais avançada (18 a 36 anos) em comparação com os que estudam no período diurno. Cerca de 10% dos alunos estão acima dos 25 anos. Vale ressaltar que os estudantes das primeiras séries do ensino médio são os que mais se evadiram¹⁸(1ª série 31,91 %; e, a 2ª série, 39,13 % no ano de 2013). As razões são desconhecidas, pois não era interesse específico da presente pesquisa, mas pode-se caracterizar como a violência da escola (já mencionada anteriormente). Segundo informações obtidas na instituição, alguns não comparecem para estudar, e sim, para passear dentro do ambiente, namorar e vender e/ou repassar cigarro, bebida alcoólica e entorpecentes. Há um registro de que foi encontrado com um desses alunos, 120 gramas de maconha no interior da unidade escolar¹⁹.

Nos registros consultados, foram encontradas anotações referentes aos alunos de ambos os gêneros como: remanejado (a) de horário; fraco (a); desinteressado (a); apático (a); com baixo rendimento; não faz atividades, entre outros. Na verdade, são fatores que, a título de hipótese, podem colaborar para o alto índice de desistência/evasão dos alunos do noturno, principalmente, os trabalhadores informais e autônomos, pois, quando somados às práticas laborais (segundo informações obtidas no local), foi constatado que muitos deles trabalham com mercadorias oriundas do Paraguai e não existe dia certo para estarem na ativa, pois a facilitação da passagem do país vizinho para o Brasil, pelo rio Paraná, depende do rigor da fiscalização dos órgãos repressores ao contrabando na região de fronteira, por isso, se ausentam mais cedo da aula e/ou faltam muito, ficando difícil conciliar estudo/trabalho, acontecendo o desânimo e a desistência.

Um ponto que merece destaque na análise das entrevistas dos professores/funcionários refere-se ao tráfico de drogas na região. Para eles, a formação de gangues relacionadas ao tráfico, a convivência com a violência, a disputa de poder no esquema do tráfico e do contrabando, a rivalidade (Porto Belo/Califórnia), a facilidade de acesso às drogas ilegais e as situações mal resolvidas fora do contexto escolar são elementos desencadeadores dos conflitos envolvendo adolescentes no ambiente escolar. 40% dos interlocutores adolescentes afirmaram ter amigos que foram assassinados devido ao envolvimento com esse tipo de prática.

Fazendo referência a esse aspecto, ressalta-se, no momento, o artigo: *Do Dinheiro e dos Homens no Tráfico de Drogas*, da socióloga e antropóloga urbana Alba Maria Zaluar (2010). A autora menciona que o tráfico de drogas ilegais, mesmo tendo sido instituído como crime, “tornou-se uma atividade econômica transacional com conexões nos negócios legais e formais” (p. 162). Segundo a mesma autora, num país como o Brasil, as expressões corriqueiras “faz dinheiro fácil” e “tirar vantagem em tudo”, são adequadas à nova fase do capitalismo globalizado. Isto é, a sociedade brasileira passou a carecer de valores morais que, de certa maneira, colaboram para a superação de novos desafios.

Estabelecendo-se um comparativo com a literatura pesquisada, conseguiu-se desmistificar dois mitos na região pesquisada: 1º) A maioria, dos interlocutores, mora com os pais, o que sugere a presença de ambos os membros em maior número das residências dos adolescentes; 2º) Viver na pobreza não significa um passaporte para a criminalidade.

Neste sentido, é possível acreditar que, mesmo em meio a tantos conflitos violentos na região e no colégio (citados nas entrevistas), os adolescentes do Porto Belo demonstraram saber até onde devem ir, com quem andar ou o que devem falar.

Como também, acreditam num futuro promissor ao confirmarem que querem seguir estudando para terem um trabalho bom, mesmo sabendo dos desafios que terão por viverem numa periferia.

¹⁸Na pesquisa realizada por Priotto (2011), observa-se que a escola não é estimulante e nem atrativa, como também, que a educação não propicia garantias de um futuro melhor no sentido de melhoria de vida.

¹⁹Segundo a Lei nº 9.294 (15/07/1996) - Art. 2º É proibido o uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, em recinto coletivo fechado, privado ou público. § 1º Incluem-se nas disposições deste artigo as repartições públicas, os hospitais e postos de saúde, as salas de aula, as bibliotecas, os recintos de trabalho coletivo e as salas de teatro e cinema. Mais informações sobre a lei no site: [http:// www.planalto.gov](http://www.planalto.gov).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal ponto a ser destacado nas análises das entrevistas é o de que a violência no ambiente escolar pesquisado existe, gera insegurança, medo, estresse e, às vezes, impotência por parte dos professores e dos componentes do administrativo. São situações que causam desânimo para a realização da função com estímulo. Na verdade, entende-se que a violência no espaço escolar necessita de atenção especial para que todos os inseridos no processo ensino/aprendizagem possam juntos, encontrar possibilidades de enfrentamento do fenômeno e o ambiente torne-se mais prazeroso de ser frequentado.

Outro aspecto constatado foi a ausência de projetos na instituição de ensino que contemplem práticas educativas e não punitivas. Em relação a amenizar o fenômeno violência no espaço escolar, não há políticas sociais (esporte, lazer e saúde), muito bem pontuadas pelos interlocutores da pesquisa de campo, direcionadas aos interesses dos adolescentes do Porto Belo, pois, segundo os mesmos, não estariam ociosos, no contraturno, envolvendo-se com más companhias e com coisas erradas - usando drogas, por exemplo.

É pertinente pontuar que pesquisar a violência entre adolescentes não foi uma tarefa fácil, pois além de um fenômeno multifacetado, é complexo e está relacionado a muitos fatores que colaboram para sua perpetuação. No caso específico do Porto Belo, dois elementos apareceram nas narrativas dos interlocutores como causadores da violência local: o tráfico de drogas e o contrabando. Neste sentido, o sentimento foi de insegurança e de impotência diante de uma realidade concreta onde existe a carência e a ausência de perspectivas transformadoras, pois segundo os entrevistados, esses dois elementos sempre existirão. Portanto, lhes restam o enfrentamento da situação de como lidar, diariamente, com o preconceito e com a discriminação por parte de quem não tem a compreensão da sua totalidade. Como também, que o envolvimento das famílias com o trabalho "ilegal" colabora para que seus integrantes causem transtornos na vida cotidiana das pessoas e no ambiente escolar. Por isso, se faz necessário uma ação integrada entre o poder público e a sociedade no sentido de, pelo menos, amenizar os impactos da violência na vida dos que com ela convivem diariamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (colabs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOMIDE, P. I. C. Menor infrator: a caminho de um novo tempo. 2ª. Ed. Curitiba: Juruá, 2012.

LEVISKY, D. L. (Org.). Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LISBOA, A. M. J. A primeira infância e as raízes da violência. Brasília: LGE Editora, 2006.

PRIOTTO, E. M. T. P. Violência escolar: políticas públicas e práticas educativas no município de Foz do Iguaçu. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

SALES, M. A.; MARINS, M. C.; LEAL, M. C. (Orgs.). Política social, família e juventude: uma questão de direitos. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SALES, M. A. (In) Visibilidade Perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo/SP. Publicada em 29 mar. 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/>. Acesso em: 6 set. 2013.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS. Índices de homicídios na adolescência [IHA]: análise dos homicídios em 267 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes. Brasília: Programa de redução de violência letal contra adolescentes e jovens (PERVL), 2009.

VASCONCELOS, A. T. M. Violência e educação. In: LEVISKY, D. L. (Org.). Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 135-138.

WESTPHAL, M. F.; BYDLOWSKI, C. R. (Edit.). Violência & juventude. São

A VIOLÊNCIA NA, DA E CONTRA A ESCOLA EM UM COLÉGIO DE FOZ DO IGUAÇU

Paulo: Hucitec, 2010.

ZALUAR, M. A. Do dinheiro e dos homens no tráfico de drogas. In: WESTPHAL, M. F.; BYDLOWSKI, C. R. (Edit.). Violência & juventude. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 162-194.